



VOZ DA FÁTIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

O S. S. PADRE O PAPA PIO XI

BEATISSIME PATER

Ordinarius Leirenensis in Lusitania, ad pedes Sanctitatis Vestrae provolutus, petit ad maiorem B. Mariae Virginis honorem et Sacerdotum et populi devotionem magis fovendam, facultatem qua omnes in Sanctuario «de S. S. Rosario B. Mariae Virginis Mariae vulgo Fatima» suae dioceseos, Missam Votivam de eodem S. S. Rosario litare valeant juxta praxim, quemadmodum aliis Sanctuariis iam concessum est.

Et Deus...

Leirenens...

Sacra Rituum Congregatio, utendo facultatibus sibi specialiter a Sanctissimo Domino nostro Pio Papa XI tributis, attentis expositis peculiaribus adjunctis, ita benigne indulget precibus Rev.mi Ordinarii Leirenens, ut in Sanctuario de S.S. Rosario B. Mariae Virginis ejusdem dioceseos, Missa votiva de S.S. Rosario celebrari valeant a sacerdotibus tantum peregrinis et ducibus peregrinorum, singulis per annum diebus, exceptis tamen Festis duplicibus I et II classis, Dominicis, aliisque Festis de precepto servandis, necnon Feriis, Vigiliis Octavisque privilegiatis: servatis de caetero Rubricis aliisque servandis. Valituro presenti Indulto ad proximum quinquennium. Contrariis non obstantibus quibuscumque.
Die 21 Januarii 1927.

(a) † A. Card. Vico Ep. Portuen. Praef. (Locus sigili)

Angelus Mariani, S. B. C. Secretarius



A «Voz da Fátima» recomenda aos devotos e peregrinos de Nossa Senhora do Rosário da Fátima as intenções do Sumo Pontífice.

SANTISSIMO PADRE:

O Bispo da diocese de Leiria, em Portugal, prostrado aos pés de Vossa Santidade, para maior gloria da Virgem Santíssima e para aumento da devoção do povo e clero para com a mesma Senhora, pede a faculdade de se poder celebrar no Santuário da Santíssima Virgem Maria do Rosário, vulgarmente chamado da Fátima, da sua diocese, a Missa Votiva do mesmo S.S. Rosario, conforme as praxes e a concessão já feita a outros Santuários.

E Deus...

Leiria...

A Sagrada Congregação dos Ritos, usando das facultades especiais que lhe foram concedidas pelo nosso Santíssimo Padre Pio XI, atentas as circunstancias particulares expostas, benignamente anuiu ao pedido do Rev.mo Ordinário de Leiria para que no Santuário de Nossa Senhora do Rosario, da mesma diocese, possam os Sacerdotes peregrinos e directores de peregrinações, e só estes celebrar a Missa Votiva do S.S. Rosario em todos os dias do ano, excepto nos duplices de I e II classe, nos Domingos e outras festas de preceito e também nas Férias, Vigílias e Oitavas privilegiadas, observando-se no mais as competentes rubricas e mais prescrições. Estas facultades valerão por estes cinco anos, haja o que houver em contrario.
Dada no dia 21 de Janeiro de 1927.

(a) † A Card. Vico, B. Portuen. Prof. (Logar do Sêlo).

Angelus Mariani, Secretario da Sagrada Congregação dos Ritos.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE ABRIL)

Aproxima-se uma das quadras mais belas e mais deliciosas do ano cristão: o mes de Maio. Mes de flores e de perfumes, mes de galas e de festas, mes de fulgores e de encantos, a natureza e a graça porfiam em fazer dele o mes predilecto das almas ridentes de ideal e de

beleza. E' então que o céu tem mais brilho, a atmosfera é mais pura e diafana, toda a criação oferece mais atractivos, e os corações humanos, suave e poderosamente emocionados, se elevam para as alturas, num transporte de assombro perante a grandeza e perfeições infinitas

de Deus e num extase de amor pela sua inefavel bondade e pela sua beleza eterna, sempre antiga e sempre nova, revelada no espelho magnificante das suas obras.
No dia treze desse mes,—o mes querido das almas mais belas e mais puras que ha sobre a terra, o doce, e adoravel mês de Maria,— faz precisamente dez anos que a Augusta Mãe de Deus, sob a invocação da Rainha do Santissimo Rosário, se dignou apparecer pela primeira vez no planalto de Fátima para estabelecer no centro de Portugal uma fonte abundante e perene de graças e benções espirituais e corporais. Trez creanças, simples e inocentes, receberam a missão de intimar a vontade da Celeste Padroeira e dum extremo ao outro da nossa Pátria estremecida echoou o du-

plo brado de penitencia e oração. E a partir desse momento uma força sobrenatural, irresistivel impele as almas para aquela estancia de misterios e de prodigios, que é hoje o mais belo centro de devoção a Maria Santissima e o trono mais glorioso de Jesus no seu sacramento de amor.
No próximo dia treze de Maio, repetir-se-á mais uma vez um movimento unico na nossa historia, um espectáculo grandioso e altamente impressionante: de todos os pontos do país, de todas as cidades, vilas e aldeias desta abençoada terra de Santa Maria, e até de varios pontos do estrangeiro, afluirão á Lourdes portuguesa pessoas de todas as edades, classes e condições sociais, uma multidão variada e inumeravel, centenas de milhares de

peregrinos, que como ondas de um mar imenso e encapelado se precipitam em catadupas gigantescas sobre os plainos aridos e escavados da serra d'Ayre.

E essas almas, depois de algumas horas de dulcíssimo prazer espiritual, regressarão aos seus lares robustecidas na sua Fé, confirmadas nos seus propositos de viver uma vida mais cristã e com o pensamento mais fixo nos seus destinos de gloria, imortais e eternos.

* * *

No dia treze de Abril realisou-se, como de costume, a comemoração festiva das aparições.

No corrente ano esse dia coincidiu com a quarta-feira da semana santa, circunstancia que explica ter havido um concurso de peregrinos inferior ao dos dias treze dos meses precedentes. Viam-se entre a multidão inumeras pessoas de elevada categoria social. Cumpre destacar aqui a mais categorizada, de todas, Monsenhor José Duarte Dias de Andrade, Conego da Sé Catedral de Coimbra e ilustre senador do Centro Católico na ultima legislatura a quem a causa da Igreja em Portugal deve relevantes serviços.

Sua excellencia teve a consolação de celebrar a santa missa no altar-mór da capela nova.

Os doentes, depois de transitarem pelo Posto das verificações medicas, eram conduzidos ao respectivo pavilhão, onde ingressavam mediante a apresentação do cartão de identidade passado pelos medicos de serviço nesse Posto.

Pouco antes da uma hora e meia hora oficial—foi processionalmente transportada para a capela nova a veneranda imagem de Nossa Senhora de Fátima. Em seguida o rev. dr. Luiz de Andrade e Silva, de Vila Nova d'Ourem, subiu ao altar para celebrar a missa dos doentes, durante a qual a numerosa assistencia recitou em voz alta o terço do Rosário. Depois da benção com o Santíssimo Sacramento, surge no pulpito o rev. Augusto de Sousa Maia, secretario de sua excellencia reverendissima o Senhor Bispo de Leiria, que pregou um substancioso sermão, a proposito da comemoração do dia.

Reconduzida a branca estatua de Nossa Senhora do Rosario com o mesmo cerimonial á capela das aparições, a multidão começou a dispersar-se, deixando, cheia de saudosas e indeleveis recordações, aquele local bemdito, tantas vezes santificado pela presença da mystica Rosa de Jesus, a augusta Rainha dos Anjos.

Visconde de Montelo

Uma graça do Mês de Maria

Era um domingo de maio daqueles anos de luta antireligiosa que vivem ainda na memória de todos.

As Avenidas Novas regorgitavam de gente.

No Chiado mal se podia romper.

Toda a gente saíra de casa a gosar um pouco daquele incomparavel clima de Lisboa.

Realmente apetezia.

Três pequenitas, alegres, cheias de vida, saltitavam numa das casas da Penha de França e desfazião a em meiguice e

carinhos á mãe para que ela as deixasse ir passar um pouquinho.

—Não pode ser filhinhas, hoje não. Vem cá o tio jantar não posso sair com vocês e sós não as deixo sair. Bem vêem —Mas nós vamos com muito tino e e voltamos quando a mãe mandar. Deixa mãesinha?

—Não filhas. Como posso eu deixa-las ir sós? Ha tantos perigos por aí. Nem vocês sabem. Mas acreditem na sua mãe que ela bem sabe o que lhes diz. As meninas não tornam a importunar a mãesinha para ir passear hoje. Outro dia vamos todos o paisinho e eu e as meninas sim?

—Sim mãesinha, responderam as pequenitas que a ouviram atentas e a um sinal dela voltaram a brincar.

Passada uma hora voltava o pai a casa, de um pequeno passeio pela cidade e entreteinha-se á espera da visita.

As pequenitas continuaram a brincar. A mãe toda atarefada cuidava do jantar, quando da Igreja que ficava quasi em frente começa a ouvir o sino chamando os fiéis para a devoção do Mês de Maria que ali se celebrava todos os dias.

—«Meninas, diz ela para as filhas preparem-se e vão ao mez de Maria ali á igreja.

Eu hoje não posso ir mas como é aqui pertinho, é só atravessar a rua, as meninas vão sós e estão com muito proposito. Arranjem-se depressinha sim?...

—Sim Mãesinha.

—Isso é que elas não vão, diz o pai interrompendo a conversa.

O pai era um daqueles elementos avermelhados, um provinciano educado cristãmente, praticante durante largos anos e finalmente arrastado pela louca corrente antireligiosa daqueles anos.

Não praticava. Tinha raiva a tudo o que dizia respeito á Igreja e permitia a custo que a familia conservasse um *minimum* de catolicismo naquele revoltado meio de Lisboa.

Ir a uma devoção á tarde parecia-lhe demasiado. Era fanatismo.

As suas filhas podiam lá ir a uma devoção daquelas, acamaradando com as *beatas!*...

Foi por isso que ao ouvir a esposa a recomendar ás filhas que se preparassem para ir ao mês de Maria, despertou os seus brios jacobinos naquele grito:

—«Isso é que elas não vão!

—Isso é que elas vão, retorquiu-lhe a mulher exaltada.

—Mas eu não as deixo ir torna o marido postando-se junto da porta.

—Então eu não serei senhora de mandar as minhas filhas aonde eu sei que convém que elas vão.—Já disse: não vão

—Então eu ando a livra-las de bailes, de diversões perigosas e não posso manda-las á igreja?... Não vão?

—Não.

—Pois vou eu.

Filhas arranjam cá o jantar.

Vou eu ao Mês de Maria Adeus. Se eu cá não voltar não me procurem. Nossa Senhora não me ha-de desamparar.

Num instante foi ao quarto preparou-se e saiu por aquela porta donde o marido estupefacto se retirara já.

Ia nervosa, quasi a chorar. Entrou na igreja esteve até ao fim. Teve muita distração, mas orou também com muito ardor.

Terminada a função resou ainda pelo marido e pelas filhas.

Estava tão lindo aquele altar. A Virgem cercada de flores e de luzes. Tanta rosa! e tanta açucena! Era um encanto estar ali. Mas o dever que ali a fizera ir chamava-a agora a casa. Voltou ansiosa sobre a disposição em que encontraria o marido.

Entrou com uma tranquilidade postíca. O marido estava sentado numa sala, pallido, desfigurado. Que seria? Deu-lhe as boas tardes e foi continuar o jantar.

No dia seguinte no meio de lágrimas o marido resolveu ir-se confessar.

Havia vinte e quatro anos que o não fazia.

Foi, confessou-se. Parecia um sonho.

Que paz! Que socego!

Mudou de vida por completo. Voltou a praticar francamente. Ia á missa, comungava não perdia sermão nem devoção na igreja da freguesia.

E a mulher diante duma tal transformação preguntava ás vezes.

«Mas que faria eu a Deus para voltar a ser noiva 30 anos depois de casada?»

«oi o animo e a ousadia dela...»

impor ao marido no que ela julgava o cumprimento dum dever.

A atitude dela dominou-o.

A sua devoção a Nossa Senhora subjuguou-o.

A graça divina venceu-o.

Naquele dia a Virgem SS. ma pagava generosamente a devoção duma sua filha.

Era mais uma graça do mês de Maio.

J. de A.

Piedade materna

Uma senhora residente em Lyon, que tinha uma filha, num convento situado no monte Carmelo (Palestina), sabendo que se achava na cidade um Prelado que se dirigia áquele mesmo logar, foi visitá-lo e disse-lhe: «Permiti-me, Senhor, que vos peça um favor. Aqui tendes esta pequena hostia que vou beijar diante de vós, e que vos rogo consagreis na primeira Missa que disserdes no convento, onde está minha filha, para l'ha dardes quando ela for comungar. Desta maneira quando ela receber com a Sagrada hostia o beijo de seu Deus, encontrará também o beijo que lhe envia sua mãe.»

OS NOSSOS CONTOS

As avé Marias...

«Passámos a correr pela Cova da Iria. Apenas tivemos tempo duma pequena oração junto á capelinha e de recitar o «Angelus» ao toque da sineta enquanto os trabalhadores se desbarretavam e rezavam também. Era um lindo quadro áquele. Estamos habituadas a estar ali sempre no meio de muita confusão de maneira que nos soube imensamente bem aquele bocadinho no socego daquele cair da noite...»

Duma carta descrevendo uma passagem pela Fátima

—Isso não, minha querida. Bem sabes que não acredito em nada disso. Que vou eu lá fazer?

Nunca gostei de ser hipócrita.

—Mas então não me dás esse prazer?

—Pede-me tudo... menos isso!

—Que pena eu não tenho de ir sózinha! Sou talvez a unica senhora que ali aparece sem o marido. Porque não vens?...

—Que horror! Eu na Fátima!... Eu?!... —Nem pensar nisso.

Este diálogo passava-se outro dia á mesa, depois do almoço, numa terra da provincia entre dois jovens esposos: ela com todos os encantos duma alma piedosa a realçarem-lhe os dotes da natureza; êle espirito materializado, primeiro no embate das paixões a que cedo se entregara de todo, depois do contacto dos bancos duma escola pseudo-neutral e perversa, finalmente na embrulhada trama dos negócios da casa.

Embalada pelas doces promessas de amor inviolavel, Helena deu finalmente a sua palavra em seguida ao coração e viu, como por encanto, o seu futuro indissolavelmente unido pelo matrimonio ao futuro daquele rapaz.

Durante os ultimos meses de solteira apresentou-se-lhe á mente um escuro ponto de interrogação.

«Que seria viver com um rapaz sem fé?»

Mas pouco a pouco o amor ia crescendo enquanto o ponto de interrogação se afastava cada vez mais acabando por desaparecer.

Pensava que iria ser feliz, muito feliz e casou.

Havia dois anos apenas que se passava esse inolvidavel dia e quantas lágrimas silenciosas destiladas pelo coração não lhe tinham já sulcado as faces.

Dera-lhe o Senhor num lindo menino o primeiro fruto do seu amor... mas juntamente quanta dor a contrapesa-lo... Porquê?!

Não era Helena feliz?... Não lhe era seu marido estremosa, carinhosamente dedicado?...

Ah! Ela não o conheceu senão pelo convívio do lar no choque violento com a brutal realidade duma alma sem fé.

Foi só então, quando a sua alma profundamente cristã se elevava até Deus ao desportar, do dia, a invocá-lo, ou, ter-

minando-o, a agradecer-Lhe, quando, antes das refeições, Lhe pedia a benção e, depois delas, Lhe dava graças: foi ao vêr-se abandonada por seu marido na suave união da sua alma com Deus que profundamente sentiu a tristeza da solidão. De que valia a união dos corpos se as suas almas se encontravam imensamente separadas?

E não mais deixou de pedir a Deus a conversão de seu marido.

A Virgem S.S.ma que toda a gente — e ela também — acreditava ter aparecido na Fátima, onde, solteira, se encontrava tanta vez por motivos de piedade, não poderia ser surda aos seus pedidos.

Rogaria um, dois, três anos... uma vida inteira, mas havia de alcançar a salvação da alma de seu marido, a sua conversão.

E assim fazia desde a primeira semana de casada quando na ante-vespera duma das peregrinações mensais áquele bemdito lugar ousou tentar um novo cometimento: pedir a seu marido para a acompanhar á Fátima no próximo dia 13.

Começou por lhe contar, a propósito de certa noticia do diário que assinavam, os particulares duma daquelas peregrinações e os encantos que lhes achara quando em solteira lá ia.

Depois... uma palavrinha meio timida, meio atrevida esboçou o desejo de lá voltar ao que êle prontamente acedeu.

Deu então a batalha final.

—Mas há-de me acompanhar...

Foi a esta frase que, embora lançada inesperadamente, êle respondeu com as palavras referidas em primeiro lugar, seguindo-se-lhe áquele breve diálogo.

Aquele «nem pensar nisso» não a desconcertou.

Envolvendo as suas expressões na maior ternura — como quem supplica — revestindo-as dum carinho só proprio dos momentos solenes, Helena pergunta:

—Nem pela lembrança dos primeiros dias da nossa vida de familia?...

—Cal-te que me apoquentas. Custa-me negar-te alguma coisa. Mas tu obrigas-me. Não posso.

E duas lágrimas fugiram dos olhos de Helena e foram, a correr esconder-se-lhe no seio enquanto, lá de dentro, o filhito a chorar implorava a companhia da mãe. Recebeu-o dos braços da creada, que se retirou logo, e, apertando-o ao peito despediu a ultima seta:

—Já que me não amas... nem ao menos por amor de este?...

...O marido com os olhos afogueados pela ira que o principio da frase lhe acendera ficou vencido ao cruzá-los no candido sorriso daquela boquita que era d'êle e ficou-se calado.

Helena beijou-os. O marido consentiu em ir mas naquêle mesmo dia, á tarde, e saiu a tratar dos negócios.

Pelas 5 da tarde lá partiram de automovel.

Helena rezara todo o dia e com que fé!... Quando se quer, até do meio do trabalho se eleva a alma á Deus...

Ia ela, o marido e o filhito, que ela queria consagrar á Virgem da Fátima.

A viagem decorreu bem, alegre. Iam conversando sobre as belezas da paisagem que o marido contemplava pela primeira vez.

Mas lá dentro havia outra Helena a orar, a pedir tanto que ás vezes era preciso o marido repetir as suas perguntas ou sustentar sózinho a conversa com uma série de cortadas exclamações.

Depois duma hora e meia de caminho o automovel parou junto dumas barracas de madeira á direita e dum portal em construção á esquerda.

Deste lado, e mais a distancia, uma capelita baixa; em cima, quasi no alto do outeiro em frente, uma série de grandes pilastras — um alpendre — uma larga avenida em principio, dois póços e cercando isto tudo um grande muro.

—«Que é isto?» — interrogou êle, passando os olhos pelo conjunto.

—É a Fátima, acudiu ela, ou antes a Cova da Iria onde appareceu Nossa Senhora. A Fátima é para ali, e indicava-lhe o sudeste.

—E fazes-me vir de Leiria aqui para ver isto. Francamente...

—Eu queria que tu viesses no dia 13...

Vês aquele largo diante do alpendre? Enche-se todo de gente a rezar. Se tu viesses... — Eu vou rezar a Nossa Senhora... Queres vir comigo?...

—Vou ver a imagem e deixo-te lá a rezar. Rezas por mim, enquanto eu vou a minhas obras.

E foram. Descobriu-se a medo, espreitou pelo vidro da porta e foi-se. Helena de joelhos tendo ao colo adormecido o tesouro que, como boa mãe e boa cristã, não queria noutro aconchego além do berço começou a orar e a chorar.

«Era lá possível que a Virgem a não ouvisse.»

E foi pedindo longamente. Do coração subiam-lhe as preces como o perfume suave de incenso até junto de Deus enquanto dos olhos lhe corriam um rio de lágrimas qual o eflúvio da graça sobre a alma do marido.

Chegara o termo—mal ela o adivinhava.

O sol tingia ainda de ouro e purpura as corutas dos pinheiros mas ia esconder-se em breve. A busina tocou.

Era preciso voltar. Levantou-se deixando ali preso o coração tendo implorado sobre o filho e o marido as bênçãos da Virgem.

Junto dos operários que além trabalhavam o marido conversava desasosegado. Na sua alma havia alguma coisa de insólito que o perturbava.

De repente, ao ouvir do lado do alpendre um som argentino três vezes repetido, Helena parou e recitou o Angelus ao toque da sineta enquanto os trabalhadores se desbarretavam e rezavam também. Era um lindo quadro aquêlo. Sabia imensamente bem aquêlo bocadinho no socego daquêlo cair da noite...

Só Mário o marido de Helena ficou embaraçado nos primeiros momentos. Depois descobriu-se.

O crepúsculo envolvia já aquêlo todo numa suave penumbra que tornava agradáveis aquelas pedras duras secas e feias.

O silêncio era apenas cortado pelo toque compassado da sineta e pelo murmúrio das preces daqueles operários que, recolhidos e de mãos erguidas, se elevavam até Deus.

Aquela piedade tão semelhante á de sua mulher comoveu-o.

«Não era possível que uns e outra fossem impostores. Havia de ser linda aquêla religião que em pequenito sua mãe lhe ensinara a praticar, mas que esquecera de todo.»

E havia de ser verdadeira. Porquê?!... Nem êle o sabia mas era: tinha a convicção firme disso...»

Passados aquêles momentos, Mário corre para Helena debruçado em lágrimas e beijava-a a soluçar.

Reencaminharam-se ambos para a capelinha e oraram silenciosamente.

As lágrimas de Mário confundiam-se na pedra com as da esposa, — sinal da união íntima de duas almas cujos corpos viviam unidos havia dois anos.

Depois ergueram-se, noite cerrada, e, á luz das estrelas, voltaram até ao lar.

Os operários admirados foram conversando sobre o assunto e a causa daquelas lágrimas.

E os dois, unidos por mais este amor agradecendo ao Senhor a realização das suas verdadeiras nupcias ali sob a protecção da Virgem iam meditando na dulcíssima acção da graça e da Providência Divina que assim operara — uma conversão durante o toque e a reza de

«As Ave Marias».

J. de A.

AS CURAS DA FATIMA

João Ramos, morador na rua Castello Branco Saraiva, 70 r/c d.to Lisboa, conseguiu com muita dificuldade publicar no *Seculo* a sua cura, o que foi feito nos termos seguintes:

Declaração

5107 Estive 5 anos entevado, sendo 3 de cama, sem poder fazer o mais leve movimento, consultei 16 dos melhores especialistas, sem que algum deles conseguisse melhorar os meus padecimentos.

Entrei para o hospital, onde estive 40 dias e nada conseguiram tambem para a minha cura.

Pedi alta e voltei para minha casa disposto a continuar a sofrer.

Um dia fui visitado por umas senhoras de caridade que me convenceram a tomar Agua da Senhora de Fatima. Recusei. Mas com desejos de me pôr bem,

tomei a dita agua, cujos resultados foram magnificos.

Hoje já posso trabalhar.

João Ramos

A respeito desta cura diz uma pessoa o seguinte:

«Seguindo o conselho do *Manual do Peregrino da Fatima* de dar conhecimento de qualquer cura obtida por intermedio de Nossa Senhora de Fatima, venho informar de uma que vi ir-se realisando gradualmente, cura tanto do corpo como da alma. Chama-se o curado João Ramos, 58 anos de idade nascido em Lisboa onde reside na rua Castello Branco Saraiva, 70-rez do chão.

Conheci-o ha 4 anos aproximadamente, entrevado. Tinha estado no hospital mas recolheu a casa sem esperança de cura. A custo fazia um movimento, não podendo levar a mão á testa para fazer o signal da cruz. Não tinha fé; vivia na mais completa indiferença religiosa, não tendo recebido os sacramentos desde o seu casamento, aproximadamente 30 anos. Era operario pedreiro. Em saude trabalhava muito, não respeitando domingo nem dia Santo.

Adoeceu em seguida a uma queda d'um andaime. Esteve cheio de revolta pela sua doença com que não se conformava.

Em julho de 1925 começou, a pedido d'algumas pessoas, a tomar agua de Nossa Senhora, o que fez só por condescendencia.

Em março de 1926 começou novamente a tomar agua e logo á primeira colher sentiu que começava a poder mexer-se na cama. Dias depois pediu o fato vestiu-se e conseguiu dar alguns passos. A pouco e pouco, encostado a uma bengala foi-se mexendo cada vez melhor.

Á medida que ia melhorando o seu reconhecimento por Nossa Senhora ia aumentando, e começou então a preparar-se para poder receber os sacramentos aprendendo catecismo e dispoñdo-se do melhor modo. Foi visitado então pelo Rev. Prior da sua freguezia (St^a Engracia); que não o tendo visto na sua quasi completa imobilidade o achou ainda muito tolhido. Foi gradualmente melhorando, e agora anda já sem ajuda de bengala, e com a maior ligeireza. Recebeu os sacramentos na sua freguezia com a maior devoção e comove-se sempre que fala de Nossa Senhora. Confessa-se e comunga agora com alguma frequencia.

Desejando tornar conhecida a sua cura, resolveu ir á *Voz do Operário* de que ele era socio fundador, apresentar declarações de que a sua cura era devida á agua de Nossa Senhora. Tendo-lhe eles recusado a publicação convocou uma assembleia de socios que votaram pela publicação mas não conseguiu nada. Foi então ao *Seculo* onde lha aceitaram cortando algumas palavras. Juntamente a mando aqui. O seu empenho em que viesse preferivelmente n'esses jornais era para que mais gente lesse.

Hoje está este homem um verdadeiro apostolo, fazendo tudo o que pode para levar almas para Deus, e exercendo a maior caridade para com os desgraçados.

Uma das coisas para que mais trabalha é para fazer cumprir o preceito dos domingos, recomendando aos operários que não trabalhem nesse dia.

Entrou para a Congregação do Imaculado Coração de Maria, (para a conversão dos pecadores), de que é director O Snr. Padre Cruz; confessando-se e comungando n'esse dia e tendo n'essa ocasião o Snr. Padre Cruz feito uma allusão á sua cura milagrosa no seu sermão.

Juntamente remeto o atestado medico passado com o fim de poder receber um subsidio quando estava impossibilitado.

Tenciona o miraculado ir no próximo 13 de Abril a Fatima agradecer a sua cura.

(Efectivamente lá o vimos radiante e ouvimos da sua boca o relato da sua doença e cura).

Certifico que o Cidadão João Ramos, socio n.º 3976 do 1.º grau da Associação d'Inhabilitação «General Sousa Brandão», que por mim tem sido tratado, sofre duma lesão medular de origem especifica que não só o impede de fazer qualquer trabalho como até o impossibilita de sair de sua casa.

Lisboa 21 de Julho de 1925 (a) Joaquim Ant. de Sousa e Silva.

Alice Martins dos Reis Calçada de Arroios N.º 37-2.º. Cumprindo um dever venho pedir a publicação da seguinte graça que recebi de Nossa Senhora em 23 de Janeiro d'este ano. Estando eu muito mal, a deitar sangue pela boca e no ultimo periodo de gravidez, uma vizinha minha trouxe-me uma pinguinta de agua de Nossa Senhora de Fátima que eu tomei com muita fé, e logo comecei a melhorar. Tive o meu bom successo muito bem no dia 16 de Fevereiro. Venho, pois, por este meio agradecer á Santissima Virgem de Fátima como prometi.

Envio 5\$00 para o culto de Nossa Senhora.

Laura Roque Gameiro Alves de Minde, em carta de 19 de abril ultimo, diz:

«Peço a V. Ex.cia muito respeitosa-mente o obsequio de fazer publicar na «Voz da Fátima» o seguinte:

Sofrendo horrorosamente durante mais de trinta anos de cálculos biliares, sendo repetidas vezes aconselhada por vários médicos a que me sujeitasse a uma operação, resolvi recorrer á «Mater afflictorum» orando fervorosamente e applicando a água da Fátima. Fui tão feliz que imediatamente me senti curada; já lá vão quinze meses e passo tão bem de saúde que me sirvo de todos os alimentos sem daí me vir o menor incomodo fazendo publico este facto cumprio a promessa que previamente havia feito».

«Gertrudes da Conceição Martins, dos Casaes do Vale Bemfeito — Amoreira de Obidos, que tendo-lhe aparecido no lab.º superior um pequeno caroço, com os mesmos sintomas d'um outro que lhe tinha feito sofrer uma dolorosa operação recorreu ao auxilio e protecção de N. Sra. de Fátima, fazendo-lhe algumas novenas, tendo o caroço desaparecido por completo. Agradece com o maior reconhecimento a N.ª Sra. de Fátima.»

João da Silva Ferraz, da freguesia do Olival (Vila Nova d'Ourem) informa:

Rogo a V. Rev.ma o favor de fazer a publicação, se assim o entender, de uma graça que recebi de N.ª S.ª do Rosário. Tinha eu uma filha a servir há mais de vinte anos e veio-me ter a casa muito doente com uma constipação dizendo-me que já tinha ido aos medicos de Tomar, Torres Novas e de V.ª N.ª d'Ourem e todos tinham dito que naturalmente não tinha cura. Eu ao ouvir estas calamidades e apesar das minhas poucas posses remeti-a para Lisboa. Lá, um médico conhecido não a deixou entrar no hospital; indo para uma casa particular aonde o dito médico a ia ver todos os dias. No fim de quinze dias disse-lhe: Olhe, menina, morrer por morrer, mais vale ir morrer á sua terra visto que não tem cura. Um dia chegou-me um homem com ela num carro á minha porta. Fiquei tão triste que fui á Cova da Iria pedir a N.ª S.ª que se lhe desse saúde, iria lá com ela cumprir uma promessa, que já está cumprida. Ela hoje já está no estrangeiro com seu marido. Chama-se Purificação de Jesus.»

O mesmo atribue a N.ª Senhora e vem agradecer a cura de um sofrimento que tinha ha anos proveniente de uma pancada.

Maria A. Vaz Teixeira de Entre-ros-Rios, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de um seu filho que estivera doente dos intestinos. Pede a publicação desta carta, e em cumprimento de uma promessa envia 50.000 para as obras de Nossa Senhora da Fatima.

Quiteria da Silva, de Leiria, que padecia de uma intercolite havia cerca de 12 anos, fez uma novena de comunhões e Rosários, tomando tambem um calice de agua da Fátima, começando então a sentir-se melhor, restabelecendo-se completamente durante um ano.

José da Silva, das Figueiras, freguesia dos Milagres, que estando com a febre tifóide tendo recebido os ultimos Sacramentos no dia de S. José (1925) e chegando-se-lhe a resar o officio da agonia, tendo todos em casa, de joelhos, resado o terço a Nossa Senhora e fazendo-lhe a promessa de ir em a Fátima, nesses mesmo dia se sentiu melhor.

D. Clotilde de Jesus Barcelos, profesora em Altares (Ilha Terceira) escreve em 10 de abril ultimo:

«Incluso remeto a V. Rev.ª 300\$00 in-anos a fim de ser entregue a N.

S. do Rosário da Fátima. 250\$00 é oferta do Ex.mº Inspéctor deste circulo escolar de Angra como voto de uma promessa feita numa doença em que os recursos da medicina foram impossiveis. Eu mesma o vi moribundo, e por mais de uma vez correu o boato que êle tinha morrido. Como tinha alguma agua da fonte milagrosa da Fátima enviei-lhe uma gotinha aconselhando-o a uma grande confiança nessa Boa Mãe, e até, Rev.mº Sr. levei a indscrição de o felicitar pela sua cura antes até de êle têr bebido a agua. Alguas amigas, posto que piedosas, riram-se da minha fé dizendo que o doente tinha apenas um sôpro de vida. Mas qual não foi a minha surpresa, Rev.mº Sr. quando um dia depois de bebêr a agua recebo as linhas seguintes. *O nosso Ex.mo Inspector está curado: pouco depois de bebêr a agua assentava-se no leito e bebia algum alimento. Hoje continuando nas suas funções vem agradecer a N. S. do Rosário da Fátima a sua cura e envia a quantia inclusa.»*

Manuel Narcizo diz o seguinte:

Tendo recebido uma grande graça, d'Aquela a quem a Igreja chama com razão *Salus infirmorum*, venho cheio de reconhecimento rogar-lhe o favor da publicação do seguinte:

Eu, Manuel Narciso, casado, de 45 anos de idade e morador na Quinta do Galo proximidades de Santarem, declaro sob minha honra que sofri horrivelmente mais de um ano fortissimas dores no estomago, que me obrigaram a abandonar todo o trabalho por mais insignificante que fôsse.

Consultei varios medicos, entre elles os Srs. Drs. Godinho, Costa Alemão e Pereira Branco, todos de Santarem os quais eram concordes na existencia de uma chaga no estomago.

A minha alimentação era unicamente leite.

As dores eram constantes e horriveis; Foi um verdadeiro martirio!

Confesso que não tinha grande crencça religiosa; mas por tanto sofrer e por ouvir narrar tantos prodigios de curas atribuidas a Nossa Senhora de Fátima tomei resolução de ir com minha mulher ao lugar bendito das aparições e pedir a graça da minha cura.

Fiz sciente da minha intenção uma familia amiga, moradora no logar da Laurieira, do concelho de Alcanena e pedi-lhe para me acompanhar indo eu daqui com dois dias de antecedencia para casa desta familia amiga afim de na tarde de 12 de maio do ano passado seguirmos todos para a Fátima como de facto aconteceu.

A viagem foi horrivel! As dores que sentia eram tão violentas que me dava a sensação de brasas vivas que consumissem o meu debil organismo.

Lembro-me até que, um pouco acima do logar chamado Val Alto parou o carro para que as pessoas que faziam a caridade de me acompanhar comessem alguma coisa do farnel que levavam.

Para mim tinham levado uma garrafa com leite.

Enquanto os meus companheiros se alimentavam, contorciam-me eu em violentas dores, deitado no solo.

Suspirava pelo momento de chegar ao lugar bendito, pois tinha então uma fé viva, de que Nossa Senhora teria compaixão de mim!

Por fim, lá chegamos e perante o espectáculo grandioso que observei, a minha fé ficou mais viva.

Súplicei a Nossa Senhora, bebi da agua da fonte miraculosa e, até hoje nunca mais senti o menor incomodo, a menor dor! Como de tudo, trabalho no governo da minha casa e vivo com alegria.

Passou-se este facto em 13 de maio de 1926.

E não foi isto um milagre bem evidente?

Devo tambem dizer que um cavalheiro meu amigo, por ter por muito tempo observado os meus sofrimentos, se converteu pois não poucas vezes zombava quando ouvia falar dos miraculosos.

Hoje diz que é um crente por ver a transformação que se operou na minha saúde.

Manuel Barros de Carvalho, de Santa Marta de Portuzelo, vendo a morrer um

seu neto, de três anos, que já havia quatro dias estava imóvel e sem tomar alimento algum, dirigiu, antes de partir para a feira semanal que se realiza na cidade, fervorosas supplicas a Nossa Senhora do Rosário da Fátima e ao regressar, teve a grande dita de encontrar a criança como que ressuscitada, cheia de vida e já livre de perigo.

Domingos Martins Pimento, de Santa Marta, sofrendo de hemorragia hemorroidal que havia sete semanas era continua e o debilitou de tal maneira que já se não podia levantar do leito, tendo-se por isso sacramentado e preparado para a morte, começou a sentir-se melhor, sendo suspenso a hemorragia, logo depois de ter bebido agua de Fátima que lhe fôra oferecida por um amigo que então o tinha visitado e aconselhado que tivesse muita confiança na Santíssima Virgem do Rosário.

João Candido de Carvalho e sua mulher, da Meadela, começaram uma novena a Nossa Senhora do Rosário pela saúde de um filho menor que três médicos haviam declarado sofrer de um ataque de meningite e nunca mais poderia ver nem andar. No ultimo dia da novena a criança começou a abrir os olhos e a mover-se e hoje está de perfeita saúde.

D. Trindade Leitão, rua da Bandeira, agradece o feliz regresso de familia ha muito ausente e as rapidas melhoras dum netinho que sofria da vista.

Maria d'Assunção, rua General Luiz do Rego, sofrendo de uma anemia muito grave que lhe causava dôres no peito e nas costas e tomando durante bastante tempo varios medicamentos sem nenhum resultado, recorreu depois com muita fé a Nossa Senhora da Fátima e bebeu algumas gotas de agua milagrosa, conseguindo então ficar completamente curada.

—Esta foi agradecer a Nossa Senhora em 13 de setembro ultimo e todos os outros prepararam-se tambem para irem a Fátima em peregrinação.

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte	64.277\$33
Papel, composição, impressão e expedição do n.º 55 (35.000 exemplares)	2.083\$40
Selos, cintas, gravuras, embalagens etc	507\$53
Outras despesas	215\$00

Soma 67.083\$26

Subscrição

(Julho de 1926)

Enviaram dez escudos: D. Amelia do Céu de Pina Amaral, D. Eduarda Albuquerque Pina, D. Sofia Regalão (15.00), D. João do Vale e Sousa Menezes, Antonio Luiz da Conceição, José Augusto Pires dos Santos, Dr. José Alvaro de Menezes, Firmino Abrantes, José de Figueiredo, D. Maria Fernanda Santos (50\$00), D. Maria Lucilia de Sousa de Menezes, D. Herminia de Jesus, Manuel Duarte Artigos, João Ferreira Pinto, D. Efigenia Antunes Canaria, D. Domicilia da Silva Pereira, D. Carlota Cardoso de Almeida, Ricardo Cardoso de Almeida (20\$00) Delfim Brandão Ruela, P.e José Rodrigues Gil, D. Irene Cunha e Costa, D. Beatriz Nunes da Silva Moreira, D. Sofia das Dôres Garcia, D. Olivia Ignês da Cunha, D. Ricardo de Jesus Ramos, Alberto de Oliveira, Raul Bingre, Francisco de Babo Maranhães, D. Ana Garcia Pulido de Almeida, D. Guilhermina Santos de Carvalho, D. Maria Rosalina Rocha, D. Maria Alexandrina Fragozo Tavares, João de Oliveira Melo, Joaquim Augusto Pereira Borges, D. Lucinda Simões Martinho, D. Zulmira Ramos (20\$00), D. Alexandrina Martins Aleixo, D. Maria dos Santos Anão, D. Maria da Silva Fernandes, D. Augusta de Jesus Maravalhas, Victoriano da Silva (20\$00), D. Rosa Amelia da Silva, D. Maria das Dôres Sobreiro Jordão, D. Maria Emilia Escolastica Lapa, D. Isabel Leite (5\$00), D. Maria Elisa Fernandes de Sousa Cabral (5\$00), D. Sibila de Jesus P. Fernandes, D. Julia da Mata Mareira, D. Natalia Toscano de Sobral Osorio, D. Teresa Cardoso Rios, D. Celeste Chaves. P.e José M. Ferreira

D. Gervasia de Andrade Costa (20\$00), D. Maria de Castro Crespo Franco (20\$00), D. Maria do Rosario Costa, Ana Emilia Jeronima, director da Casa de Saude do Telhal, director da casa de Saude de Trapiche, D. Ana Augusta d'Oliveira, P.e Henrique Garcia d'Oliveira Abranches, D. Maria da Conceição Gambôa, D. Palmira das Dôres Afonso Pereira, D. Adelaide das Dôres Canadas, D. Alda Rita Rodrigues de Oliveira, D. Helena Ferreira, P.e José Augusto Rosario Dias (20\$00), D. Virginia Lopes, D. Luisa Teixeira Borges, Armando Ribeiro Baptista, Manuel Gaspar Fernandes, Manuel Ferreira de Lima, D. Maria Rufino Basto, D. Rosaria de Sousa Fontes D. Benevoluta de Freitas Carvalho, D. Alice Pinto Perdigão, D. Laura Assis de Quadros, Antonio Varela Gomes, D. Maria Basto de Vasconcelos, D. Margarida Cartelas Vieira Braga, Antonio Justino Martins, D. Matilde Barreto, Francisco Sampaio Barbosa, D. Maria d'Anunciação do Vale Santos, D. Maxima Rosa, D. Emilia Augusta de Camões Costa, Antonio Barbosa, João Caldeira Marques, D. Maria Jacinta Candeias, D. Maria do Carmo Pedroso d'Almeida, D. Margarida Pereira Liz, D. Maria da Conceição Lagateiro (13\$00), D. Maria da Piedade Alves Pereira, José Vaz de Barros, D. Magdalena Carrico, D. Deolinda da Purificação Costa, D. Maria José Portal, D. Maria Laura Mateus, D. Maria de Jesus Vilhena de Carvalho, Custodio da Cunha Leite da Costa (15\$00), D. Amelia Velindrinha (20\$00), D. Maria das Dôres Matos Boavida (40\$00), D. Maria Amalia Godinho-Napoles, D. Aurora da Rocha Santos Teixeira, D. Rachel Teixeira Lopes Barbosa, José Pereira Manso, D. Leopoldina Pacheco, D. Palmira Garcia, D. Maria M. dos Remedios, D. Laura Pinheiro, D. Maria da Graça Carvalho, D. Margarida M. Correia, D. Maria Amelia C. d'Almeida, D. Aura da Piedade Antunes, D. Zulmira da Mata Galhardo (de jornais, 20\$00), D. Julieta Martins (20\$00), D. Carolina Rosa, D. Ermelinda da Silva Pereira, Manuel Antonio, D. Maria da Silva Rosa, José Ferreira Lima, D. Isaura Pinto Sampaio de Almeida, Eduardo de Oliveira (20\$00) e José J. dos Remedios.

—Observação: Não extranhem os subscritores a demora na publicação das quantias enviadas de tão boa vontade e tão generosamente enviadas. Parece-nos que intrepresamos a vontade de N. Senhora não enchendo o jornal só de nomes.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	4.872\$50
Uma anónima da Ilha da Madeira	100\$00
... .. Soma	4.972\$50

FLORES

(No mês de Maria)

Como se tem ido desenvolvendo o affecto filial da Igreja para com Maria Santissima!

Cada dia, três saudações (de manhã, ao meio dia e á noite) o sino nos lembra esta devoção tão grata:

Cada semana, um dia (o sabado); cada mês, uma festa.

Que mais faltava?—

Cada ano, um mês... E cá para a Europa acertou de ser, ou antes escolheu-se, o mes mais formoso, o mes das flores...

Se Maria é a flôr de Israel, o lirio dos vales, a Rosa Mistica! Além d'isso o objecto d'esse culto é tecer-lhe grinaldas de virtudes!

Devoção Santissima visto que é dirigida a honrar a Mãe de Deus, e a honrar-a solidamente com a imitação das suas virtudes!

Devoção utilissima porque o gosto que com ela damos a Deus redundo em nosso proveito espiritual.

As luzes que acendemos no altar de Maria se nos converterão em luzes de inspirações, e em luz de gloria.

As flores do altar se abrirão em flores de virtude, fructos de boas obras e corôa de immortalidade.

Utilissima principalmente para os peccadores.

Na quaresma o Senhor do campo mandou os seus operarios á colheita, e que belos peixes não se recolheram no celeiro do Divino Pai! Mas tambem quantas espigas não ficaram ainda no campo, enredadas no joio ou acamadas com a terra!

Por lá ficam para serem comidas pelas aves, para apodrecerem com o restolho ou até para arderem no fogo.

Mas lá virá em maio a respigadeira celeste.

E assim é. Quantas conversões não tem vindo alegrar o mês de maio!

Almas ensurdecidas ás trombetas evangelicas que resoaram na quaresma sentem-se agora impelidas pela Mãe do céu.

Depois da Santa Missa em que Jesus se ofereceu e se imola a seu Eterno Pai por nós, depois da Santa Comunhão, que é afinal a forma mais sublime de oração e de união com Deus, não podemos depôr no regaço maternal de Nossa Senhora melhores flores que a recitação devota do Terço melhor ainda se fosse o Rosario completo.

Convencer-nos-hemos disso se nos lembrarmos que N. Senhora aparecendo dezoito vezes em Lourdes trazia ostensivamente o Terço e não se retirava sem que a vidente Bernardette, que tambem se fazia acompanhar d'ele, o recitasse primeiro.

O mesmo aconteceu seis vezes em Fátima, querendo N. Senhora ser invocada sob o titulo de N. Senhora do Rosario. Quando o Anjo S. Gabriel foi enviado por Deus á Santissima Virgem para lhe anunciar o misterio da Encarnação do Filho de Deus no seu casto seio, saudou-a nos seguintes termos: *Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres.* Estas palavras, as mais ditosas que já mais foi dado a creatura alguma ouvir, temnos repetido de seculo em seculo (e sobretudo no nosso tempo) os labios dos cristãos que repetirão pelos seculos futuros esta vehemente e terna saudação á Mãe de Deus. E cada vez que uma boca humana lhe repete estas palavras que foram o sinal da sua maternidade, como vem-se as suas entranhas com a lembrança d'um momento como nunca houve igual no céu e na terra, e a eternidade inteira enche-se da felicidade que Ela sente.

Nem se diga que a recitação do Terço, com a repetição das mesmas palavras é monotona e enfadonha.

Cada *Avé Maria* é uma vibrante saudação de amor e o amor tem só uma palavra. Dizel-a sempre não é repetil-a.

O Rosario, alem disso é um resumo do Evangelho. Emquanto o recitam, as pessoas que sabem vão meditando na vida do Salvador e desde a sua Encarnação até ao seu triunfo e coroação no céu.

A devoção ao Terço é um sinal de predestinação.

Que todas as familias em comum e que todas as almas tributem diariamente a N. Senhora este preito de devoção e Amor.

Ora adeus... não tenho tempo

Não tens tempo? Pois has de procural-o, meu amigo custe o que custar, porque, se queres alcançar de Deus a salvação da tua alma, com teu trabalho a has de ganhar.

Desengana-te: não se dá de balde o céu. Nenhum Santo entrou nele por outra porta que a de bem trabalhar para isso. Aos proprios Anjos, para os confirmar na graça e bemaventurança, exigiu o Creador merecimentos da sua parte. Os santos Evangelhos falam sempre muito claro sobre este particular.

Ali somos comparados a jornaleiros a quem o amo divino chama ao anoitecer para pagar o salario ajustado. Como pois, te atreverás a esperar de Deus salario algum se passaste inutilmente as horas que te concedeu para merecel-o com teu trabalho?

Qual é este trabalho unico que merecerá o salario do reino celestial, senão o da vida seriamente occupada em obras de santificação e na pratica dos actos que a Religião prescreve?

Supônhamos, pois, que tão occupado e atarefado te trazem o negocio, a tua carreira ou o teu officio que nem uns minutos ao dia te concedem para d'elles pagares o devido tributo a Deus e olhar pelos interesses da tua alma. Supônhamos que, deverás não tens tempo, nem

pouco nem muito, como dizes para o dedicares á pratica da Religião.

Pois vives mal, meu amigo, muito mal. Seras grande fabricante, grande negociante, grande *sabio*, *literato*, muito activo e trabalhador mas és... mau cristão.

Quasi nem sequer homem és. Como que te vás degradando á condição—miserável de irracional. Um animal de carga e nada mais. Mas, afinal, não terás tu realmente tempo?

Bem te entendo. Queres desculpar com esta frase lamurienta o teu completo esquecimento das praticas da Religião a tua ausencia da igreja, a falta de cumprimento de ouvir Missa de confessar e comungar, enfim, a tua vida completamente descuidada, perdida para a tua alma, praticamente athêa, exactamente como a d'aquelles que dizem claro e redondamente não acreditar pouco nem muito em Deus nem na outra vida.

E não obstante (como são as coisas!) não és atheu, nem materialista, nem queres talvez deixar de passar por bom cristão e zangar-te-ias contra quem te negasse a qualidade de bom catolico. Afinal são, em geral as pessoas mais occupadas as mais dispostas sempre para toda a boa obra, assim como os ociosos costumam ser os mais preguiçosos.

Os mais ricos de tempo são os que mais escassos dele se mostram, quando se trata de offerece-lo a Deus.

Os pobresinhos e necessitados costumam ser nisto menos avaros.

Assombra a classe de gente que acode todos os dias á Missa de manhã cedo. Quasi toda pertence á categoria de jornalista, creada, que descontam do sono e do descanso aqueles trinta minutos que offerecem generosamente a Deus. Como ás furtadelas, fazendo penosissimo sacrificio, dão do seu capital de tempo aquela meia hora á Religião, que os desocupados lhe recusam a dar.

Manual do Peregrino da Fátima

Vende-se na redacção da *Voz da Fátima*—Seminário de Leiria.

Preço—3\$50, fóra o porte do correio. Desconto aos revendedores. Preço excepcionalissimo a quem pagar de pronto o minimo de cem exemplares.

Todas as religiões são boas!!!?

E' como se disseses que todas as palavras são boas, a verdade e o erro; ou que todas as acções são boas, as morais e as imorais.

Não ha senão uma religião boa: a verdadeira.

A verdade é uma só, o erro é multiplo. A mentira, por mais que se enfeite em verdades é sempre mentira.

Posso *imaginar* mil coisas *possiveis*, dizer que neste momento estás trabalhando subindo ou descendo, dormindo etc., etc., mas uma só coisa é verdadeira e vem a ser: que estás lendo estas linhas... e estás em... Não sei onde estás, mas de certo unica, e exclusivamente no lugar onde estás.

Só é bom o que é verdadeiro.

Deus falou e mandou aos homens uma Religião por seu filho.—*Jesus Cristo*; esse Filho instituiu uma Igreja para ensinar essa religião e conserva-la pura de todo o erro.—Essa Igreja afirma que é a unica depositaria dessa verdade, prova-o *pelas proprias palavras* de Jesus Cristo, demonstra-o, não fallando nunca na defesa dela, *não tolerando nunca* o mais pequeno erro, nem de fé, nem de moral, e sendo a unica cuja *origem remonta* a Jesus Cristo.—A religião boa.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.